

UMA FERIDA ABSURDA

Sonia Daniel

Tradução: César Maier

Personagens: UMA
OUTRA
N

“Já sei, não me diga, você tem razão
a vida é uma ferida absurda
e é tudo, tudo tão fugaz...”

Plataforma de embarque. Luz tênue. Três mulheres sentadas em um banco de estação. UMA, corpulenta, idade avançada, varizes pronunciadas nas pernas; OUTRA, meia idade, aspecto frágil, pálida e com olheiras; N, corpo pequeno, infantil. As três estão vestidas com agasalhos; calçam sapatos fechados e meias três quartos. Portam carteiras de alças curtas e luvas. Som de trem que passa como uma rajada. Ao escutá-lo, UMA e OUTRA se levantam, correm e se adiantam para alcançá-lo. N, entretanto, se mantém sentada, revira sua carteira com nervosismo. A cena se repete indeterminadamente. De maneira imprevista N se levanta, olha fixamente para UMA e OUTRA - estas detém a ação e se sentam olhando pra frente sem olhar-se. Silêncio tenso. UMA começa o diálogo.

UMA – É assim... *(Pausa)*

OUTRA – Ah sim. É... *(Pausa)*

UMA – É assim... *(Pausa.)*

UMA sai de sua atitude ensimesmada.

UMA *(Olhando para OUTRA)* – Quando ela soube, desapareceu e não a vi mais. Para mim, foi embora cedo da festa. *(Tira da carteira um pacote armado com um guardanapo)* Quer? *(Abre o envoltório e aparecem uns salgados estilo canapés)*

OUTRA (*observa o pacote, olha para UMA e pega um salgado*) – Obrigada...

UMA – Tanta comida, não consegui provar de tudo. (*Enchendo a boca com o salgado*) Coma. Você está muito magra. (*Pausa*) Não ligue pra ela, pensei, sempre foi muito preconceituosa. (*Com gesto eloqüente chama N, que se encontra na lateral esquerda*) Vem comer... (*A OUTRA*) Você também!

OUTRA – Tenho alguma coisa no ventre, como um nó.

N vai até o banco e pega um canapé do guardanapo sem olhar, depois outro e mais outro. Volta autômata saltando de lado com uma perna, enquanto come.

OUTRA – Me sinto mal. (*Toca a boca do estômago*)

UMA – Com cuidado. Não vá se machucar!

N mastiga exasperadamente, há certo desafio em seu gesto.

UMA – É assim... Assim como te digo. Essa, sempre foi invejosa. Quando se casou, comprou uma casa enorme no melhor bairro da cidade porque queria ter status. De que lhe serviu? Tanto status e no final... (*Interrompe-se*)

OUTRA – E no final?

UMA – Terminou agüentando o marido e todos os filhos extramatrimonias que ele trouxe.

OUTRA (olhando para N – Ela está ali!

UMA – É surda. Surda como um tapume. (*Relata com entusiasmo*) Depois, esses filhos resultaram melhores que os próprios. Os dela com ele, digo. Porque quando ele adoeceu... Quem esteve à borda de sua cama? Os bastardos.

OUTRA - Não diga essas palavras que ele pode escutar.

UMA – Ela não entende nada... (*Aproxima-se do ouvido de N. Modula*) Bastardinhos. (*Volta ao se sentar.*) Eles não entendem dessas coisas. (*Observando-a*) Olhe pra ela, está em seu mundo. (*Abre novamente a carteira*) Vamos ver... (*Tira outro pacotinho feito com guardanapo, aparecem novas massas*) Quer?

OUTRA (*Dirigindo-se a N*)- Venha comer... (*N olha fixamente para OUTRA. Aproxima-se lentamente, pega uma massa sem deixar de observá-la e mastiga ostensivamente. OUTRA se inquieta*)

UMA (*Mastigando*) – No final da contas, você não cantou. Tanto preparativo pra que?

OUTRA (*Levando um bocado pequeno à boca*) – Não importa... (*Mantém sua mão no estômago*)

UMA – Essa orquestra que contrataram não era boa.

OUTRA - Pode ser.

UMA – Já escutei melhores, em outras festas. Sendo assim, melhor que não tenha cantado.

OUTRA – Você acha?

UMA – Cantar com mau acompanhamento rebaixa seu nível. (*Limpa os lábios com o guardanapo que se esvaziou*) Eu já cantei acompanhada pelos melhores músicos. (*Tira outro pacotinho*)

OUTRA – E como você sabe?

UMA – O que?

OUTRA – Que não eram dos melhores? Você estudou?

UMA – Teoria e solfejo. (*Olha para OUTRA*) Vou solfejar “Noltalgias”. Escuta! (*começa a solfejar a canção, marcando com as mãos à moda antiga. Ordena.*) Canta!

OUTRA (*Surpreendida, vai acentuando a última palavra de cada frase*) –
Quiero emborrachar mi corazón
para apagar un loco amor,
que más que amor es un sufrir:
y aquí vengo para eso,
a borrar antiguos besos
en los besos de otra boca...
Si su amor fue flor de un día,

¿Por qué causa es siempre mía
esta cruel preocupación?
Quiero por los dos mi copa alzar
para borrar mi obstinación...
¡Y más la vuelvo a recordar!

Interrompe-se. Adianta-se percebendo ao longe o som da marcha do trem.

OUTRA – Parece que está se aproximando. (*UMA não presta atenção e continua solfejando. OUTRA começa a gritar à medida que o som vai se aproximando*) Está vindo.. Vamos... Vamos...

O trem passa como uma rajada. Silêncio.

UMA (*Olhando, ao longe, o trem que passou*) – Passou ao largo.

OUTRA (*Encolhendo os ombros*) – Não é o nosso.

UMA (*Duvidando*) – Pode ser... (*Cantarola a canção em voz quase imperceptível. Outra a observa. UMA vai baixando o tom de voz ate ficar em silêncio*)

Pausa. N esvazia com força o conteúdo de sua carteirinha. Quantidades enormes de pedras se esparramam em todas as direções. Senta-se no chão.

OUTRA – Não nos viu.

UMA – Não estou vendo.

OUTRA – O trem passou.

UMA – Não enxergo de longe e estes óculos (*Tira os óculos da carteira e os coloca*) não servem muito.

Lentamente OUTRA se senta.

UMA – Já virá.

OUTRA – Como saberemos que é nosso trem?

UMA – Paciência. Muitos passam ao largo. O nosso vai parar na estação e subiremos. Ponto.

OUTRA olha para UMA resignada, abre a carteira, tira um pacote envolto num guardanapo idêntico ao que tinha UMA, abre-o, tira uma massa e o estende a UMA, que elege um pedaço com gula. OUTRA pega um para N e a chama.

OUTRA – Tome... Tome... *(Subindo o tom)* Tome...

UMA – Não grite com ela! *(Mudando de tom)* É um muro impenetrável.

OUTRA *(Inquieta. Com a voz doce, aproxima-se de N)* – Olhe o que tenho pra você.

N não responde. OUTRA se aproxima. N move a cabeça em sinal de negativa. Diante da insistência de OUTRA, N nega bruscamente. OUTRA, nervosa, abre-lhe a boca bruscamente e introduz o pedaço de comida, obrigando-a a mastigar, com dificuldade. A ação se detém por um momento nesta situação. Só se observa o exagerado movimento mandibular de N.

OUTRA *(Interrompendo)* – Gostou? *(N não responde. Impacienta-se)* Gostou? *(Experimentando outro tom de voz)* Gostou? *(Outro tom)* Gostou? *(Com diferentes intenções)* Gostou? Gostou? Gostou? Gostou? Gostou?

UMA – Não se esforce, ela é totalmente muda. Não vai emitir um único som.

OUTRA – No entanto eu já a ouvi cantar.

UMA – Impressão sua.

OUTRA – Tenho certeza.

UMA – Não pode ser.

OUTRA – Sim.

UMA – Não!

OUTRA – Sim.

UMA – Não!

OUTRA - Sim. Eu ouvi.

UMA – Ela não canta.

OUTRA – Sim, canta. Já ouvi ela cantar.

N começa a ter convulsões. Seu corpinho se retorce. Sua boca se infla enquanto ela tenta sustentar com sua mão o vômito iminente. OUTRA tenta ajudá-la. N a afasta com seu bracinho. OUTRA procura com o olhar a ajuda de UMA, que não responde. Repentinamente N começa a despejar pequenos objetos metálicos de sua boca. OUTRA, horrorizada, pega-a pelos ombros. Com sua mão lhe seca a fronte. Terminado o ataque, N, soluçando, abraça-se com OUTRA que a sustenta com atitude maternal.

Silencio.

UMA – Está bem! Se isto te conforma. Você a ouviu cantar. *(Pausa)* Quando?

OUTRA *(Duvidando, ainda confusa)* – Não... Não sei.

Pausa. OUTRA olha fixamente pra frente. Com seu olhar segue calmamente uma trajetória de ida e volta.

UMA – Que esta olhando?

OUTRA – O homem na plataforma da frente. Faz muito tempo que está ali?

UMA – Não te entendo...

OUTRA - Ele, estava ali há um momento? Antes de passar o último trem, ele estava ali?

UMA – Suponho que sim.

OUTRA – É muito atraente. Tem os olhos brilhantes, profundos.

UMA – Como sabe? Eu, sem meus óculos, não vejo... Lentamente se vai perdendo a visão.

OUTRA – Não sei do que você está falando.

UMA – De perder.

OUTRA – Pontos de vista.

UMA – Perder a visão, por exemplo.

OUTRA – Eu o conheço, tenho certeza.

UMA – Eu só distingo uma sombra na plataforma em frente.

OUTRA senta a N no chão. Decidida avança gritando.

OUTRA – Senhor! *(Grita)* Senhor! Escute!

Som de trem, em sentido contrário ao anterior. OUTRA continua gritando. Sua voz torna-se inaudível. Pequenos apagões nos dão a sensação de que os vagões passam. O trem se distancia.

Silêncio.

OUTRA (Olhando para a plataforma em frente) – Já não está... Foi embora. Tomou o trem. *(Toca com dor a boca do estômago)* Sinto uma pontada. Aqui.

UMA (Segura) – Ele não subiu. Deve estar por ai, em algum lugar.

OUTRA – Como sabe?

UMA *(Tirado uma massa de sua carteira)* – Vou comer. *(Olha para OUTRA)* Quer? *(OUTRA move a cabeça em sinal de negativa. Mastiga com gosto).* Como como! Quando estou nervosa, como e como. Sempre como e como. *(Volta a oferecer a OUTRA)*

Pausa.

UMA continua comendo.

Silêncio. OUTRA pensativa olha pra o chão da plataforma. Senta-se.

OUTRA – Outra noite, eu sonhei que comia uma faca. Era a faca do papai. Eu a mordida. Depois me assustava pensando que se aborreceria quando visse sua faca amassada.

Sua obsessão. Cortar sempre a carne com a mesma faca. No sonho, a faca era de metal, mas se podia mastigar, era mole.

UMA – Que gosto tem uma faca?

OUTRA – Gosto de... É como... Como mastigar uma moeda. Quando eu era pequena, brincava com objetos de metal, me atraía o brilho, a sonoridade dos objetos batendo-se entre si. Uma tarde, engoli uma moedinha que tinham me dado para a merenda. Estava tão assustada que não disse nada. Nunca soube se a expeli. Durante meses exalava um hálito de lata. *(Levanta-se bruscamente, olha pra frente e aponta.)* Aí está, voltou.

UMA – O que?

OUTRA – O homem da plataforma, está lá de novo. Está vendo?

UMA – Sempre esteve ali. Nunca se moveu *(OUTRA olha para UMA desconcertada. Pausa tensa. OUTRA dirige a vista para a plataforma da frente.)*

OUTRA – Uma mulher está com ele. Está vendo?

UMA – Somente borrões, já te expliquei!

OUTRA - Ta vendo ou não?

UMA – Vejo o que posso. O que me permitem ver os meus olhos. Também vejo o que quero, mesmo que, às vezes, o que quero ver não é igual ao que posso.

N começa a caminhar arrastando deliberadamente os pés. Marca uma trajetória de círculos, rodeando UMA e OUTRA.

OUTRA *(Olhando com atenção à frente)* – Ela se aproxima e lhe diz algo ao ouvido. *(O movimento de N a incomoda)* Que será que estão falando?

UMA – Falam das coisas que os homens e as mulheres fazem juntos. Sexo, com certeza.

OUTRA *(Apontando para N)* – Ela está escutando.

UMA – Não comece com isso. Ela tem sorte, Não ouve, não fala...

OUTRA – Não vê...

UMA – Você percebeu? Está totalmente cega. Dissimula muito bem. Atravessa o mundo com a segurança de não estar nele.

N tira do bolso uma tesoura, continua sua marcha dando perigosas tesouradas em todas as direções. OUTRA, assustada, caminha atrás de N tentando tirar-lhe a tesoura, sem sucesso. Finalmente, N para apontado diretamente para UMA. Estira, retos, ambos os braços. UMA toma a tesoura, começa a cortar-lhe as unhas. OUTRA, agitada, observa de pé a ação.

UMA – O cabelo e as unhas desafiam a morte. *(Pausa. Continua cortando)* Crescem dentro dos ataúdes. Não se dão por inteirados do seu estado de defunção.

N grita, retira bruscamente a mão que UMA segura. Leva o dedo à boca e o succiona.

OUTRA – Te machuquei. São estes meus olhos. Não vejo nada. Perdão.

N se afasta para a lateral com o dedo na boca. OUTRA tenta aproximar-se e consolá-la. N grunhe como um animalzinho enjaulado. OUTRA se afasta.

UMA *(Para UMA, referindo-se a N)*– Você gosta dela?

OUTRA – Tanto quanto você.

Silêncio. UMA sussurra o tango Noltalgias. OUTRA olha fixamente para a plataforma da frente.

OUTRA – Continuam lá. Ele toca o rosto dela, a acaricia. Ela não o olha nos olhos. *(Toca o abdômen)* Esta dor que não quer passar.

Pausa.

UMA *(Cantando)* –
LLora mi alma de fanteche,
Sola e triste em esta noche,
Noche negra y sin estrellas...
Si las copas traen consuelo,
Aqui estoy com mi desvelo

Para ahogarlo de uma vez.
Quiero emborrachar mi corazón
Para despues poder brindar
Por los fracassos del amor.

Quanto custará viajar pra a Rússia?

OUTRA – Não sei.

UMA – Que temperatura será que faz lá neste momento?

OUTRA – Frio. Na Rússia sempre faz frio.

UMA – Como você sabe?

OUTRA – Pelos filmes. Sempre há neve. Os russos falam tiritando. Os dentes deles rangem. Por isso falam tão mal. *(Pausa.)* O nariz fica congelado e lhes cai uma estalactite de muco e água. *(Pausa)* Na Rússia o calor não existe. *(Aponta para a plataforma contrária)* Agora me deixa olhar pra lá.

UMA – No cinema, quando passam filmes russos, o público fica congelado.

N olha para UMA. Esta a chama com sinais e a senta em seu colo. N parece dormir profundamente nos braços de UMA, mas num só movimento levanta-se e volta a sua atitude autista em uma lateral do palco.

OUTRA *(Concentrada no que observa)* – Agora é ele que olha fixamente para o chão. Ela usa um gorro de lã branca.

UMA – Eu tive um gorro de lã há anos...

OUTRA – Ele é tão bonito. *(Movimentos nervosos)* Não ouço nada.

OUTRA toca o rosto, os cabelos, os ouvidos, tentando ativá-los. Simultaneamente, UMA e N realizam ações idênticas. A sincronia entre as três é perfeita. Quando param a sequência de movimentos, N começa a tirar do ouvido uma interminável corda vermelha, enquanto as outras mulheres se mantêm em quietude absoluta.

UMA (*Reagindo bruscamente, repreende N*) – Onde você pôs o gorrinho de lã? (*N tira de seu bolso um gorrinho de lã branca. UMA o coloca amorosamente e começa a trançar-lhe o cabelo*) Faz frio aqui. Já vai chegar o trem. Tenhamos paciência.

OUTRA (*Inquieta*) – Não ouço nada. Falam, mas não consigo escutar sobre o que.

UMA – Quanto tempo demora um avião até a Rússia? (*Suspira*) Sempre quis ir. Lembro uma tarde, quando saía do cinema após ver Dr. Jivago... Só pensava em viajar para a Rússia. E comprei um gorro branco de lã, acho...

OUTRA – Ele está olhando pra mim.

UMA – me apaixonei essa tarde no cinema.

OUTRA – Olha pra mim.

UMA – Vamos ver... (*Termina as tranças e olha para a plataforma com dificuldade. Coloca novamente os óculos*)

OUTRA – Olha pra mim.

N, UMA e OUTRA olham para a plataforma em frente com idêntico interesse, com gestos iguais.

OUTRA – Olha pra mim.

UMA – Olha...

OUTRA – Como você viu?

UMA não responde. Longa Pausa. N modula a palavra “olha” sem emitir som. Sua gestualidade é ampla, cada vez mais pronunciada até captar a atenção de OUTRA que, tentando escutá-la, começa a sacudi-la. Som de trem ao fundo. OUTRA sacode ritmicamente N em concordância com o ruído de fundo que é cada vez mais brusco até tornar-se uma violência inusitada, como a ação de OUTRA sobre N.

UMA (*A viva voz*) – Uma vez cantei no municipal. (*OUTRA solta N, que cai pesadamente no chão. Silêncio*) Foi numa festa de gala de 9 de julho. (*OUTRA demonstrando arrependimento, tenta acariciar N que lhe grunhe com ferocidade*) Está me ouvindo?

OUTRA (*Incorporando-se*) – Não... Eu... (*Soluça, leva a mãos ao ventre*) Tá doendo muito.

N pega a corda que tirou do ouvido. Limita com ela um território circular. Junta algumas das pedrinhas que esparramou pelo chão. Entra no círculo. Brinca com as pernas abertas, sentada no chão. A ação consiste em lançar as perdas ao ar e aplaudir cada vez mais vezes antes de pegá-las com ambas as mãos.

UMA – Devia ter preferido ser cantora lírica, mas não... Acabei cantando uma cançãozinha de merda, no municipal.

OUTRA (*Olhando pra frente*) – Você o viu?

UMA – E no clube do municipal.

OUTRA (*Levantando o tom de voz*) – Você viu? Ele estava olhando pra mim.

N interrompe seu jogo.

OUTRA (*Insistente*)- O que você viu? O que você viu? O que você viu?

UMA (*Grita, ofuscada*) – Não é preciso ter visão. Ver, não olhar. Ponto.

Silêncio. N pega um punhado de pedras e atira-as na via. Volta ao seu jogo.

OUTRA (*Procurando recuperar a calma*) – Vi esse filme...

UMA – Qual?

OUTRA – O que você falou há pouco...

UMA – Doutor Jivago.

OUTRA – Sim... Este... E tive frio. Congelava-me. Sentia o hálito gelado dos atores na minha frente.

UMA – Que filme, Dr. Jivago. Me apaixonei olhando a tela, que faz imensas todas as coisas. Me fascina tamanha grandeza. Que pena que não seja verdade. (*Suspira*)

OUTRA – Não consigo me levantar da poltrona ao terminar a projeção. Quando terminam de passar os créditos finais, tenho a esperança de que algo acontecerá comigo. Essa tarde ao sair do cinema, me sentia estranha. Ansiedade. Procurava obsessivamente em cada rosto.

N para o jogo. Com as pedras no chão, desenha uma mulher.

OUTRA – Tempos depois, conheci um homem. Nos cruzamos na porta do cinema. Senti um calafrio. Ele me lembrava o ator daquele filme. Esse olhar intenso, perturbador. Não pensei em nada. Me sentei ao seu lado. Estávamos sós, os dois. Me esforcei para que prestasse atenção em mim, Passei minha mão por cima do apoio do braço e rocei levemente sua perna. *(Pausa)* Essa tarde... Terminamos deitados em um hotelzinho de má fama. Eu me sentia tão frágil em seus braços. *(Pausa)* Começamos a nos ver uma vez por semana. Sempre no mesmo lugar. A porta do cinema e dali ao hotel. Seus olhos penetravam a minha pele e a minha alma.

N se encolhe. Tapa os ouvidos. Sussurra sons inteligíveis.

OUTRA – Uma tarde no quarto de hotel, ele me falou em casamento. O céu se depositou sobre a terra nesse instante. Meu corpo se paralisou. Tirou um anel do bolso da calça, que estava sobre a cadeira. Colocou no meu dedo, olhando nos meus olhos. Estremecida, chorei. Sua imagem tornou-se difusa por causa das lágrimas. *(Pausa)* Eu sentia essa devoção como doces alfinetadas, em todo corpo. Nunca ninguém me amou assim. Depois dele, se diluiu a lista de todos os homens que passaram na minha vida.

Longa pausa.

Trens passam estrondosos em ambas as direções. N aponta para o corpo da mulher que fez dos pequenos montículos de pedra.

OUTRA - A ilusão de ter um lar me enchia a alma. Cheguei ansiosa ao grande dia. Já instalada em minha nova vida, o tempo se obstinou em mover-se com lentidão. Olhava fixamente os ponteiros do relógio. Caminhavam arrastando-se entre os segundos, resignados ao seu destino de circular sem sair do contorno. Na imensidão de uma casa tão pequena como a que habitávamos, perambulava classificando os objetos cotidianos por cor, tamanho e densidade. Aguçava minha vista sobre a lajota encontrando a mancha inextinguível. Meus momentos de maior prazer continuavam acontecendo na cama. Só que ao terminar, me restava uma sensação de estranho vazio. Ele começou a notar. Repreendia minha frieza, enquanto eu tentava fazê-lo entender que, pelo contrário, eu o amava mais que nunca. Algo inexplicável me

aconteciam internamente por esses dias. Meu corpo se manifestava rebelde, desconhecido. Nele foi aparecendo um grau inquietante de desinteresse. *(Pausa)* Juro que procurei uma maneira de contar pra ele, sem feri-lo. Não o conhecia, certamente, mas o amava cegamente. Nunca encontrei as palavras adequadas. Me pergunto se existem as que descrevam com precisão, sentimentos, sensações... Não sei...

Silêncio. UMA tira um lenço, enxuga a fronte e o pescoço. N o toma, realiza a mesma ação e o oferece a OUTRA que o recusa. Volta a estendê-lo com gesto ameaçador. OUTRA aceita, trêmula.

UMA – Cantar sempre me aliviou. Teria cantado na festa de casamento, mas ele não achou adequado.

Pausa. Uma se incorpora, tira uma valise de debaixo do banco.

OUTRA – Nos adorávamos. Também nos desconhecíamos. O cotidiano envenenava a comida, as palavras, a casa. Eu não sabia reconhecer os humores. Não era sutil. Despertava sua ira. Os sinais se repartiam por minha pele. Me cobria. Ponto. Acreditei que se algo crescia em meu interior, seria fruto do amor. Ele não estava de acordo. Tentei compreendê-lo. Não pude. Meu corpo convertido em meu inimigo lutava para desfazer-se de minha mente.

Silêncio. OUTRA baixa a cabeça. N se levanta, caminha de um lado para o outro da plataforma. Com um gritinho surdo aponta, com força, pra frente. OUTRA, sobressaltada, avança, observa o que N lhe indica.

OUTRA (A N, apontando pra frente) – Ela está chorando. Está vendo?

UMA (Levantando a vista) – Não vejo nada.

OUTRA – Que estamos fazendo aqui? Quero atravessar, estar do outro lado da via.

UMA – Atravesse.

OUTRA avança, UMA e N a observam. Chega até o limite da plataforma. Para. Uma pontada no abdômen a atravessa. Paralisa-se.

Pausa. UMA tira da valise um vestido de noiva puído e amarelecido pelo tempo. Acaricia-o estirando-o sobre seu colo.

UMA – Para que ele não me ouvisse cantar, eu o fazia em silêncio. Minha mente repassava letra e música. No entanto eu não abria a boca.

OUTRA – Ela está sentada. Ele passeia nervosamente pela plataforma.

N pega sua carteira, tira um guardanapo que envolve sanduiches, esparrama-os pelo chão. Com suas mãozinhas, despedaça-os e depois os come.

UMA – Sempre folheava o álbum de fotografia de nosso casamento. Fiz um pacote com salgadinhos essa noite e o guardei as escondidas em uma carteira. Assim, ninguém se deu conta, a não ser eu. Tinha ficado sozinha no meio do salão. Juntava os salgadinhos em um guardanapo. É um costume.

OUTRA (*Olhando para N*) – Sim, é um costume. Eu tenho vergonha de comer nas festas. Não gosto que olhem pra mim.

UMA – Acontece o mesmo comigo.

Silêncio. OUTRA aperta o estômago com força. Expressa visivelmente sua dor. N levanta a vista. Sua cara esta pegajosa por causa das migalhas. Inquieta, dá golpes na ponta do vestido de noiva. Levanta-se e passeia pelo espaço, dançando com ele.

OUTRA – Essa tarde, ele chegou mais cedo que o previsto. Eu tinha vomitado durante todo o dia. A tontura e as náuseas tinham se apoderado dos meus sentidos. Levantei a vista e ele estava lá. Me envergonhei. Sorri pra mim. O meu peito doía de tanto bater. Chorava. Começou a falar. Não ouvia suas palavras, somente sua voz. Ele não queria ter um filho. Nosso mundo tinha ficado tão pequeno a ponto de que só o preenchiam os instantes de amor entre nós dois. Me tornei surda, cega, muda. Ele soltou sua voz contra as paredes, os móveis, o chão, sobre meu corpo machucado. (*Pausa. Observa com atenção a plataforma*) Estão gritando. A mulher está fora de si.

UMA – Não vejo nada.

N corre na borda da plataforma. Som de trem aproximando-se. N tenta atirar-se na via, OUTRA e UMA a retém pelos braços. O trem passa em grande velocidade. N começa a rir. As três levantam o rosto. Pelo canto de seus lábios corre um idêntico fio de sangue. OUTRA toca o rosto, sua luva se mancha de sangue. Assustada volta a apalpar-se. Olha seus dedos manchados, com horror. UMA levanta do chão o vestido de noiva. A imagem tem um tom enormemente patético. N se deita no chão em posição fetal abraçando com força os pés de OUTRA.

Sons de trens fundidos com a marcha nupcial. A imagem se detém como uma fotografia.

OUTRA – Se tivesse lhe acontecido algo?

UMA – Nada.

OUTRA olha para os pés, onde se encontra N. UMA observa à frente.

UMA – Ele está só. Olha pra cá.

OUTRA - Se pudesse atravessar, lhe acariciaria o cabelo, pegaria suas mãos e o beijaria na boca.

Silêncio. A marcha nupcial soa distante, triste, desolada.

UMA – Eu não ouvia suas palavras, apenas sua voz. Nessa época, não escutava o que me diziam. Eu o amava e também o detestava. Era um sentimento terrível.

OUTRA – Queria parar o tempo neste instante.

UMA – O tempo. Mastiga a si mesmo. Nos devora. Ninguém pode fugir da garganta do tempo.

OUTRA (*Lastimosa*) – Minha barriga dói.

UMA – Fiz desabar sobre ele uma tempestade de frustrações. Duvidou de mim. Do que eu sentia. Consegui abraçá-lo.

OUTRA e UMA – Ele pegou meus braços e os afastou do seu pescoço. Fiquei desconcertada. Apertou o meus pulsos com força. Marcou-os para sempre.

N com o ouvido sobre o abdômen de OUTRA, sussurra uma canção de ninar.

UMA – Os encontros no hotel quase sempre careciam de palavras. Ele tirava meu gorro de lã.

OUTRA – Acariciava a cara e o pescoço com ele. Cheirava-o.

UMA – Eu o observava e aquela simples ação me excitava.

OUTRA – Ele plantou sua semente uma e outra vez. Sorria... Sempre sorria.

UMA – Eu era outra mulher. O que restava de meu corpo se partiu em milhares de partículas. Explodiu. Juntando meus restos, saí correndo. Meu estômago se embolava. Dentro de mim uma serpente se esforçava por sair à luz. Povoada pelas marcas deste homem, não demorei muito para me dar conta que trazia em mim uma marca permanente. Um barco encalhava em meu ventre. Suportei na solidão a consequência do naufrágio. Apertei os lábios até sangrarem e me divorciei do meu sexo com ferocidade.

OUTRA – Me sinto estranha. Isto eu já vivi.

UMA – Como no velho cinema. O celulóide roda desgovernado no carretel. A projeção termina, volta a começar. Créditos de encerramento... Escuridão. Com um só movimento da maquina, o morto renasce, o roto aparece intacto novamente, a ação avança indefectível até o final.

Silêncio.

N se arrasta pelo chão ao ritmo de sua respiração e de um murmúrio inaudível.

OUTRA – Ali, em frente... Ela se aproxima dele. Chora desconsoladamente. Abre sua bolsa.

OUTRA e UMA (*Em uníssono*) – Enfia uma pequena faca no peito do homem.

A voz de OUTRA parece sair de todos os espaços. Multiplicada em milhares, retumba em todas as direções.

OUTRA - O sangue corre aos borbotões manchando a camisa, o paletó, o gorro de lã que aperta em sua mão. Assustada, ela guarda a faca ensangüentada em sua bolsa.

UMA tira as luvas. Abre a carteira, revolve-a, entorna o conteúdo que está ensangüentado. OUTRA grita. Começa a caminhar para trás. Uma a detém sustentando-a pelos ombros. Pega a carteira de OUTRA. Abre-a deixando cair uma faca ensangüentada.

N dirige-se para OUTRA, tira as luvas e descobre manchas de sangue em suas mãos.

UMA – Ontem à noite sonhei que comia uma faca.

N abre seu agasalho. Uma faca lhe atravessa o estômago. Extrai a faca. Sangra. Sorri. Abre a boca. Põe para fora a língua, onde se encontra um anel. UMA pega o anel e coloca no dedo anular de OUTRA. Soa a marcha nupcial distorcida, desafinada. N coloca sobre a cabeça um tule despedaçado como se fosse um véu.

UMA – A faca veio até minhas mãos. Enfiei-a no seu peito. *(Pausa)* Foi uma sensação branda, suave. Ele não expressou nenhuma dor. Olhou para mim com seus olhos profundos. Eu o penetrei como ele penetrava em mim nesses encontros no hotel. Eu fiz um sulco profundo em seu corpo como antes ele fez no meu, campo semeado e arado por meus próprios arranhões de impotência. Voltei-me contra mim, furiosa, minha matéria se separou completamente do meu corpo, se multiplicou em todas as que eu fui. Me converti em espectadora de meu relato.

OUTRA – Da vereda enfrentada, vejo passar minha vida. É um tempo sem tempo. Um relato fragmentado, entrecortado, plasmado de imagens superpostas. Foi, é e será. Não quero estar só.

Pausa.

UMA – Nascemos com um mapa de acontecimentos desenhados. Constrói-se dentro das dobras de nosso corpo. Há alguém que caminha atrás de mim. Que joga água em meus pés secos. Que me inquieta. Até que chega o final, que se confunde com o princípio. Um círculo sem fim. *(Pausa)* Existe um único segundo em que o mistério da vida se desvele para nós? Só um instante para entender tudo? Esse momento único que é ao mesmo tempo liberdade e condenação. Entretanto nossa vida transcorre. Fotografias feitas da janela de uma viagem de trem. *(Pausa)* E um minuto que nos fornece uma senha para subirmos ao teto e ver o percurso de ponta a ponta.

Som de trem que se aproxima.

OUTRA – Aproxima-se. Está chegando. Esse que vêm é nosso trem.

Som de trem, cada vez mis potente e inquietante. Ensurdecedor. Estrondoso. As três mulheres avançam para a borda da plataforma. Soa lenta e estranha a melodia do tango Nostalgias.